Revista de Economia Política, vol. 03, nº 3 (11), pp. 319-333, julho-setembro/1983

O valor em Marx e a falácia de Garegnani

The value in Marx and Garegnani's fallacy

FABRÍCIO AUGUSTO DE OLIVEIRA*

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar uma crítica aos ensaios de Garegnani sobre a teoria marxista do valor-trabalho. Garegnani tem sido visto como um dos principais representantes da escola neo-ricardiana, que rompe com a teoria do valor-trabalho de Marx. Segundo Garegnani, a teoria do trabalho tem-se revelado incapaz de dar respostas adequadas aos objetivos que propõe. Este artigo pretende mostrar que a posição de Garegnani, que reduz o significado da teoria do trabalho de Marx a uma determinação não circular de preços e taxas de lucro, é falaciosa. Além disso, o artigo tenta mostrar que a importância da teoria de Marx vai muito além do papel que Garegnani lhe atribuiu e que ela constitui, de fato, uma ferramenta indispensável para a compreensão das leis de movimento do sistema capitalista.
PALAVRAS-CHAVE: Marxismo; teoria do valor; neo-ricardianos.

ABSTRACT: The objective of this paper is to present a critique of Garegnani's essays on the Marxian labor theory of value. Garegnani has been seen as one of the main representatives of the neo-Ricardian school, which breaks away with Marx's labor theory of value. According to Garegnani, the labor theory has proved to be unable to provide adequate answers to the objectives it poses. This paper is aimed at showing that Garegnani's position, which reduces the meaning of Marx's labor theory to a non-circular determination of prices and profit rates, is fallacious. Furthermore, the paper tries to show that the importance of Marx's theory goes far beyond the role that Garegnani has assigned to it and that it constitutes, in fact, an indispensable tool to understand the laws of motion of the capitalist system.
KEYWORDS: Marxism; vale theory; neo-Ricardians.
JEL Classification: B51; D46.

INTRODUÇÃO

A obra de Sraffa *Produção de Mercadorias por meio de Mercadorias,* publicada no ano de 1960, mais de trinta anos depois de iniciada, além de constituir uma crítica contundente e demolidora dos pilares da teoria neoclássica, recolocaria em

* Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG, Brasil.

cena, sob uma nova perspectiva teórica, questões que se encontravam em certa medida "esquecidas" no pensamento econômico, como é o caso da "medida invariável de valor" do sistema ricardiano, ao mesmo tempo que acenava, acreditava-se, com a possibilidade de dar uma solução ao irresolvido problema marxista da transformação dos valores em preços de produção. Realmente a obra de Sraffa apresentava, como alternativa à teoria neoclássica, uma teoria da produção e da distribuição do produto líquido e resolvia, ao mesmo tempo, através da construção da "mercadoria-padrão", o problema da "medida invariável" que tanto angustiara Ricardo no final de sua vida. Todavia., embora aparentemente equacionasse o problema da "transformação", de fato, a questão mais débil e vulnerável da teoria marxista, significava, na verdade, um ponto de ruptura com ela, na medida em que prescindia dos valores para a determinação dos preços, o que representaria, para alguns, a própria liquidação da teoria do valor de Marx.

De qualquer forma, o êxito alcançado pela obra de Sraffa no meio acadêmico teria ido a ponto de dar origem ao surgimento de uma nova escola formada por uma geração de economistas – hoje conhecidos como neo-ricardianos – que a tomaram como ponto nuclear para a formulação de uma nova Economia Política. Ultimamente são muitos os trabalhos publicados pelos representantes desta escola. O nosso objetivo consiste, aqui, em fazer a apreciação de uma de suas propostas contida em um conjunto de ensaios que seu principal representante, Pierangelo Garegnani,[1] recentemente publicou, e que consiste no abandono da teoria do valor de Marx, uma vez que para ele ela teria se revelado incapaz de dar respostas adequadas aos objetivos para os quais fora formulada.

A PROPOSTA E AS RAZÕES DE GAREGNANI

Os ensaios de Garegnani sobre a teoria marxista do valor fazem revelações surpreendentes sobre o seu significado e formulam propostas ainda mais radicais, como a de seu abandono, visto que, segundo o autor, não teria sido possível, através dela, atingir os objetivos que justificariam sua permanência no corpo da Economia Política. Seu abandono não implicaria, segundo ele, prejuízo da teoria marxista sobre o capitalismo, sendo possível, através de um esforço intelectual restaurador, salvar o que restou de seu edifício teórico.

Garegnani sustenta em seu trabalho " . . . que a teoria do valor-trabalho cumpre essencialmente em Marx o mesmo papel que tinha em Ricardo". Papel que consiste, ainda segundo ele " ... em permitir (...) a determinação da taxa de lucro

---

[1] Reunidos sob o título "La Realidad de la Exploración" (I, II e III) *in Debate sobre la Teoria Marxista del Valor,* México, *Cuadernos P y P* n.º 82, 1979. Ver ainda o artigo "Fórmulas Mágicas y Polvo de Arsénico" incluído no mesmo livro, onde o autor procura responder às críticas desfechadas por alguns de seus pares.

sem sair do pressuposto clássico, mas evitando o círculo vicioso em que corria o perigo de encerrar-se a teoria da distribuição com Adam Smith".[2]

Esta simplificação do papel que cumpriria a teoria do valor-trabalho de Marx, reduzindo-a à determinação não circular da taxa de lucro e dos preços de produção, e comparando-a à de Ricardo, parece-nos extremamente injusta com o pensamento do primeiro. Uma coisa é afirmar que Marx pretendia, a partir dos valores, chegar aos preços, visto ser esta a variável fundamental que norteia o comportamento dos capitalistas. Outra, muito diferente, é reduzi-la a este objetivo que, a nosso juízo, teria constituído, no essencial, o cerne do problema para Ricardo. Mas vejamos a *démarche* percorrida por ambos os pensadores, acompanhando a argumentação de Garegnani.

Para Ricardo, o problema principal da Economia Política consistia em determinar as leis que regulam a distribuição entre as três classes da sociedade – os proprietários da terra, os capitalistas e o trabalhadores. Sua atenção é dedicada, portanto, à investigação do comportamento dos três componentes dos rendimentos dessas classes – a renda da terra, os lucros e os salários. Dos três, ele descarta a renda da terra, ponderando que ela decorre da concorrência entre os capitalistas e que na terra marginal estão implícitos somente os salários e os lucros.[3] E é no Ensaio de 1815 que Ricardo faz a primeira tentativa de formular a taxa de lucro – categoria que ocupa um lugar central em sua análise – e os salários em termos de cereais, sem ter, portanto, de recorrer ao valor.[4]

Ricardo estabelece, neste trabalho, o princípio de que a taxa de lucro para todos os setores da economia é regulada pelos ganhos da agricultura. Este princípio resulta do fato de, na agricultura, o produto gerado (cereais) integrar também o capital (entendido como o necessário para o trabalhador subsistir). Em vista disso seria possível estabelecer uma taxa de lucro, em termos físicos, sem a necessidade de se preocupar com o problema do valor. Dessa maneira, considerando P o produto gerado na agricultura e N o capital necessário para a obtenção daquele produto, teríamos a taxa de lucro (r) representada pela equação:

$$r = \frac{P - N}{N} \qquad (1)$$

Sendo determinada fisicamente na agricultura, a taxa independe do valor de troca dos bens. Em realidade, os valores destes bens é que terão de se adaptar a ela, para que se obtenha uma taxa uniforme de lucro, um dos pressupostos de Ricardo.

Acontece que a determinação da taxa de lucro por esse caminho revelou-se

---

[2] Garegnani, P., *op, cit.,* p. 31.

[3] Ricardo, D., "Princípios de Economia Política e Tributação", São Paulo, Abril Cultural, série *Os Pensadores,* 1.ª ed.

[4] Ricardo, D., "Ensaios acerca da influência do baixo preço do cereal sobre os lucros do capital", *in* Napoleoni, C., *Smith, Ricardo, Marx,* Rio de Janeiro, Edições Graal, 1978.

problemática pela fragilidade de suas hipóteses: o capital consiste em meios de subsistência antecipados aos trabalhadores; o trabalhador se mantém de cereais. Foi, pois, para resolver o problema apontado por Malthus de que na cesta de consumo dos trabalhadores entram outros produtos além dos cereais e que, em virtude disso, qualquer alteração na relação de troca entre "trigo" e "tecido", por exemplo, modificaria os salários reais, e para fugir à circularidade, que Ricardo vai procurar uma medida que lhe permita homogeneizar os bens de consumo dos trabalhadores. É seguindo esse caminho que ele se defronta com o problema do valor e procura dar-lhe uma solução lógica. Ao "trigo" ele adiciona o "tecido", e os Princípios aparecem, e com eles a quantidade de trabalho incorporado como a medida de valor.[5] *O objetivo de Ricardo ao formular a sua teoria do valor-trabalho não é, portanto, o de buscar as origens do valor, mas sim de explicar as variações do valor relativo das mercadorias com vistas a dar uma solução lógica à sua teoria da distribuição*.

No curso de sua investigação, entretanto, Ricardo identifica outra causa, além da quantidade de trabalho incorporado, capaz de alterar os preços relativos: o aumento ou a redução do valor do trabalho. Isto porque ele constata que a existência de diferentes períodos de produção e de distintas composições do capital das indústrias faz com que as variações na distribuição da renda afetem não somente a relação de preços como a própria magnitude do produto, medida em termos de preços. Nas suas palavras, desde que "as proporções entre capital e trabalho variem de uma a outra indústria, isto significa que toda mudança nos salários altera, necessariamente, a relação de preços e, portanto, a magnitude do produto".

Mas Ricardo deixa claro que um aumento de salários altera a relação de preços de forma diferente, consoante a dotação de capital da indústria: aumenta os preços dos bens trabalho-intensivos em relação aos preços dos bens capital-intensivos; ou, em outras palavras, reduz os preços relativos dos bens capital-intensivos. Por outro lado, se o bem é produzido com uma proporção média de capital e trabalho, os preços não variarão como consequência de um aumento dos salários.

Colocava-se, assim, a necessidade de encontrar uma medida invariável de valor que fosse capaz de medir as variações nas "dificuldades de produção" de outras mercadorias (alterações nas quantidades de trabalho) e as modificações no salário real e nos lucros. Seu interesse por tal "medida" se justificaria, segundo Napoleoni, por ser esta a

> " ... única medida para a qual as modificações ocorridas nos valores deixam inalterável o valor global do produto social. Assim, se se medir com o valor da mercadoria produzida em condições médias, torna-se evidente que uma modificação do salário pode redistribuir entre as várias mercadorias o valor global já existente, mas não pode modificar o montante do valor existente".[6]

---

[5] Ricardo, D., *op. cit.,* p. 255.

[6] Napoleoni, C., *O Valor na Ciência Econômica,* Lisboa, Editorial Presença, 1977, p. 40.

E era precisamente isto que Ricardo queria garantir, porque, segundo Sraffa, se um aumento ou diminuição dos salários gerasse por si uma mudança na magnitude do produto social, seria muito difícil determinar, com precisão, os efeitos sobre os lucros.[7] E, neste caso, o propósito inicial de Ricardo seria frustrado. Na sua perspectiva, portanto, o valor praticamente se reduz a uma questão de medida, mais especificamente ao valor de troca.

A *démarche* de Marx é bem outra, como veremos, embora ele tenha se utilizado do mesmo instrumento de Ricardo: a teoria do valor-trabalho. Seus avanços em relação a Ricardo foram, entretanto. consideráveis.

Marx, em primeiro lugar, fez a correta distinção entre capital constante (C) e capital variável (V), eliminando a errônea identificação ricardiana entre capital social e salários. Com isso, a equação da taxa de lucro passa a:

$$r = \frac{S}{C + V} \qquad (2)$$

onde S representa a mais-valia, C, o capital constante empregado no processo e V o capital variável.

Outro avanço importante de Marx em relação a Ricardo, assinalado por Garegnani, diz respeito à teoria dos preços de produção. Na teoria de Ricardo, este problema não existia, uma vez que para ele havia uma perfeita coincidência entre preços e valores, estando sua preocupação voltada para encontrar uma medida invariável que lhe permitisse mensurar o produto social e determinar a sua distribuição. Marx, contrariamente, percebe que não há essa coincidência e que os preços tendem a desviar-se dos valores, e que isto seria o resultado da redistribuição da mais-valia entre as distintas indústrias que têm capitais com composições orgânicas (C/V) distintas. Mas, argumentava Marx, por se tratar de uma mera redistribuição, a taxa de lucro geral continua a mesma, como se as mercadorias fossem intercambiadas pela quantidade de trabalho incorporado. Dessa forma, os preços de produção seriam obtidos com a aplicação dessa taxa de lucro ao capital empregado em sua produção. Numa economia que produzisse dois produtos – trigo e aço, por exemplo – teríamos as equações, que seriam suficientes para determinar P, e P,. com base no nível de *r* resultante da equação (2)

$$P_t = (1 + r) \quad (C_t + V_t)$$
$$P_a = (1 + r) \quad (C_a + V_a)$$

onde: P_t = preço do trigo; P_a = preço do aço; r = taxa de lucro; C_t = valor do capital constante gasto na produção de trigo; V_t = valor do capital variável gasto na produção de trigo; C_a = valor do capital constante despendido na produção de aço; V_a = valor do capital variável despendido na produção de aço.

---

[7] Sraffa, P., "Introducción" *in* Ricardo, D., *Princípios de Economia Política y Tributación,* México, Fondo Cultura Económica, 1973, p. XXXVI.

O argumento de Garegnani é que o método utilizado por Marx (valor —> taxa de lucro —> preços) para determinar os preços de produção é equivocado. Porque é impossível calcular a taxa de lucro antes dos preços e vice-versa. E reconhece que o próprio Marx conseguiu entrever este erro, deixando indicações de que o capital constante (C) e o capital variável (V) deveriam ser expressos em termos de preços de produção e não de trabalho incorporado.

Fazendo essa correção sugerida por Marx, Garegnani refaz as equações anteriores, supondo que o capital constante seja aço e o capital variável, trigo, e que os preços P, e Pn refiram-se a quantidades que incorporam um ano de trabalho. Daí, obtém-se

$$P_t = (1 + r) \quad (C_t P_a + V_t P_t)$$
$$P_a = (1 + r) \quad (C_a P_a + V_a P_t)$$

E conclui que, uma vez divididas ambas as equações por Pt, resta apenas uma incógnita para ser determinada, o preço relativo Pt/Pa, estando, portanto, o problema solucionado independente do valor. Assim, somente seria possível determinar a taxa de lucro e os preços simultaneamente, e não através do método de Marx: valor —> taxa de lucro —> preços, sem a necessidade de medir as mercadorias em termos de trabalho incorporado, uma vez que as magnitudes C_t, V_t, C_a e V_a podem ser medidas como simples quantidades físicas de trigo e de aço. A teoria do valor perde, diante disso, sua finalidade, segundo Garegnani, e deve por essa razão ser abandonada.

A indagação que pode ser feita é se a teoria do valor estaria circunscrita a esse objetivo, ou seja, à determinação de forma não circular da taxa de lucro e dos preços. Garegnani responde a essa questão afirmando que quaisquer outros significados que sejam dados à teoria devem ser atribuídos mais a seus seguidores do que ao próprio Marx. Isto teria acontecido, sempre segundo o autor, porque os sucessivos ataques desfechados contra a teoria marxista do valor, especialmente por parte dos representantes da escola marginalista, fizeram com que alguns autores marxistas, em atitude puramente defensiva, formulassem outros objetivos perseguidos pela teoria do valor que não encontrariam, entretanto, correspondência na obra de Marx.

A partir daí Garegnani conclui que, uma vez demonstrada a impossibilidade lógica de se determinar primeiramente a taxa de lucro para depois se chegar aos preços – o caminho percorrido por Marx em O *Capital* –, é colocada em xeque a validade da Teoria do Valor-Trabalho, e a sua remoção do corpo da ciência econômica aparece como um resultado lógico e deve constituir um importante e necessário passo para a sua reformulação. Assim, com a obra de Sraffa que, segundo Garegnani, teria fornecido munição para "liquidar" a teoria do valor de Marx e aberto caminho para a recuperação da noção de "excedente social" própria de

Ricardo e da economia clássica inglesa, estariam criadas as condições para a reconstrução do edifício teórico da Economia Política.[8]

Se corretas as colocações de Garegnani, torna-se difícil encontrar justificativas para a preservação da teoria marxista do valor. Pretende-se, todavia, neste trabalho, questionar a posição deste autor que circunscreve o significado da teoria à determinação não circular da taxa de lucro e dos preços – que ele demonstra não ter sido alcançado – e mostrar que a sua importância vai muito além, constituindo, inclusive, uma peça indispensável para a apreensão das leis de movimento do sistema capitalista. Antes, porém, de avançarmos nesta direção, torna-se necessário mostrar, ainda que de forma sucinta, a solução dada por Sraffa à questão, a partir da qual Garegnani se baseia para desenvolver sua proposta.

SRAFFA E SUA MERCADORIA-PADRÃO

Somente neste século, Sraffa, com a construção de sua mercadoria-padrão, conseguirá dar uma solução ao problema que tanto angustiara Ricardo, em que pese isto ter implicado o abandono da teoria do valor-trabalho e um retorno, pode-se dizer, ao Ricardo do *Essay*. E, ao contrário do que este pensava, Sraffa demonstrará que o efeito resultante de uma alteração salarial no movimento dos· preços relativos dos produtos dependerá não só ". . . das 'proporções' (entre a mão-de-obra e os meios de produção pelos quais são respectivamente produzidos) mas também das 'proporções' pelas quais os meios de produção desses meios de produção foram produzidos, e assim por diante".[9]

Em que consiste, entretanto, a teoria de Sraffa? Resumidamente, pode-se dizer que ela é desenvolvida com base em um processo de reprodução multissetorial onde as mercadorias aparecem como *inputs* e *outputs*. Neste processo, em que se estabelecem relações fixas de *input-output,* é produzido um excedente social – que Sraffa chama de produto líquido – cuja distribuição entre os salários e os lucros é determinada de forma exógena. Assim, dada uma participação dos salários no produto líquido, determinada de maneira exógena, ou dada, alternativamente, a taxa e lucro, obtêm-se simultaneamente, neste sistema, os preços relativos das mercadorias. "Neste processo de reprodução equilibrada, os valores de troca das mercadorias, os preços de produção, ficam determinados pelas relações de distribuição e pelos coeficientes técnicos". Para funcionar, este sistema requer, entretanto, a existência de um "padrão invariável de valor" capaz de acusar em que mercadorias teriam ocorrido variações nas condições de produção ou alterações no salário real

---

[8] Para os pontos acima ver Garegnani, P., *op. cit.*

[9] Meek, R., "Sraffa e a Reabilitação da Economia Clássica", *in Economia e Ideologia,* Rio de Janeiro, Zahar, 1911, p. 221.

que promoveram alterações nos preços relativos.[10] Este papel, como foi colocado acima, seria cumprido pela mercadoria-padrão.

O interessante do sistema sraffiano é que nele a determinação da taxa de lucro e dos preços ocorre simultaneamente e *independe* do trabalho abstrato como substância do valor. Exige, tão-somente, os coeficientes técnicos de *inputs-outputs* e uma determinada distribuição do produto líquido decidida "fora" do processo de produção. E é por *independer* do trabalho abstrato para a determinação dos preços relativos que Garegnani anuncia a liquidação da teoria marxista do valor e propõe seu abandono. Realmente, se o objetivo de Marx ao formular a sua teoria do valor reduzia-se à determinação da taxa de lucro e dos preços, razão pode ser atribuída a Garegnani. Caso contrário ...

Antes, porém, de passarmos à análise do valor em Marx e procurar apontar suas marcantes diferenças com Ricardo -- apesar de Garegnani – convém tecer algumas pequenas considerações sobre o sistema de Sraffa. Uma leitura de seu pequeno, mas denso livro revela-nos que ocorre em seu sistema uma intensa circulação de coisas e de objetos, mas que as classes sociais envolvidas em intrincadas e complexas relações sociais, e até mesmo os produtores e os consumidores, estão excluídos do cenário. Não há, em momento algum, preocupação em investigar o que existe por trás dessas coisas e, pelo menos no mundo da produção, prevalecem as determinações técnicas. Somente quando se trata da distribuição do produto líquido faz-se concessão à "luta de classes" que, no entanto, ocorre "fora da produção".

O VALOR EM MARX E OS EQUÍVOCOS DE GAREGNANI

No mundo de Marx, contrariamente, são os possuidores de mercadorias que circulam no cenário. E para ele é mais que claro não ser a Economia Política uma ciência das relações entre as "coisas", e sim das relações entre as classes sociais no processo de produção, embora ele tenha consciência de que na economia mercantil essas relações assumam, inevitavelmente, a forma de "coisas" que se apresentam como dotadas de vida própria, envoltas de características sociais. :É, portanto, com o objetivo de desvendar o que há por trás das relações entre as coisas que Marx elabora a sua teoria do fetichismo. E é através dela que põe a descoberto o fato de todas "as categorias econômicas (valor, capital, salário, preço etc.) serem apenas expressões teóricas, abstrações das relações sociais de produção".[11]

É com o propósito de apresentar uma anatomia da sociedade burguesa moderna que Marx vai estudar o valor. Contudo, ao contrário de Smith e Ricardo, que partiram do valor como um conceito abstrato, para Marx interessa saber antes de tudo sob que condições os produtos do trabalho humano assumem a forma-valor. Considera, para tanto, o fato de que o homem produz para sua própria subsistên-

---

[10] Para os pontos acima ver Altvater, E. *et al.,* "El valor de Marx", *in Debate ... , op. cit.,* p. 96.

[11] Rubin, I. I., *A Teoria Marxista do Valor,* São Paulo, Brasiliense, 1980, p. 19.

cia e que o consegue através do trabalho. Seu objeto de investigação não é, portanto, o "valor" enquanto tal, e nem este constitui seu ponto de partida, e sim a mercadoria "forma elementar que assumem os produtos do trabalho humano nas sociedades mercantis".[12]

Sua análise arranca, assim, da mercadoria, e ao contrário dos clássicos, especialmente de Ricardo, que apenas descobriram o trabalho por trás do valor e depois se concentraram no exame das causas das mudanças dos valores relativos, Marx quer, portanto, investigar a razão que explica o fato de o conteúdo do valor adquirir determinada forma social. Porque é através da investigação da forma-valor, antes do valor de troca, que será possível conhecer na sociedade mercantil o modo como se organiza o trabalho e se desenvolve o processo de produção.

E, portanto, como afirma Belluzzo, "da mercadoria que Marx parte para desvendar os mecanismos de funcionamento da sociedade capitalista como forma desenvolvida da sociedade mercantil".[13] E depois de investigar a sociedade mercantil simples, onde os produtores são independentes e os bens são produzidos exclusivamente para o troca – processo que transforma, por sua vez, o trabalho privado de cada produtor em trabalho social, tornando-se trabalho abstrato – Marx procura, em seguida, apresentar a anatomia da sociedade burguesa, o que consegue através do valor.

Nela estão presentes três classes fundamentais: o capitalista, o proprietário de terra e o trabalhador. Nesta sociedade, onde já ocorreu o divórcio entre o trabalhador e os meios de produção, tendo a própria força de trabalho se transformado em mercadoria, Marx se propõe analisar como essas classes se reproduzem e de onde tiram o seu sustento. No curso de sua investigação, ao transpor a fronteira das aparentes fontes de renda dessas classes – capital, terra e trabalho –, se dá conta de que somente a força de trabalho é produtora de valor. É a única mercadoria capaz de criar um valor acima do que é necessário para a sua reprodução. Valor excedente, ou mais-valia, que é apropriado pelo capital e distribuído entre os seus pares. É por isso que Marx afirma que

> " ... o capital – e o capitalista é o capital personificado, exercendo no processo de produção apenas a função de representante do capital – no correspondente progresso social de produção extrai dos produtores diretos, ou seja, dos trabalhadores, determinada quantidade de trabalho excedente, de graça, trabalho excedente que, na essência, ainda é trabalho obtido por coerção, por mais que pareça resultar da livre estipulação".[14]

E que, portanto,

---

[12] Belluzzo, L. G. M., *op. cit.,* p. 77.

[13] *Ibidem,* p. 78.

[14] Marx, K., *O Capital,* trad. brasileira de Reginaldo Sant'anna, 2ª. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971. (Livro III, cap. XLVIII), pp. 940-941.)

"Lucro do capital (lucro do empresário + juro) e renda fundiária não passam . . . de componentes particulares da mais-valia, categorias que se distinguem segundo esta se destine ao capital ou à propriedade fundiária, classificação, porém, que em nada altera sua essência".[15]

Está aí de maneira clara e inequívoca o mecanismo fundamental de funcionamento da sociedade capitalista. Uma única classe produz para todas. As rendas com que vivem as outras classes constituem simples apropriação do valor excedente, da mais-valia, criada pelo trabalhador. Instantâneo somente capaz de ser obtido através da teoria do valor, onde estão presentes não só a estrutura, mas também a dinâmica da luta de classes. Não tem sentido, portanto, a colocação de Garegnani de que a teoria do fetichismo e a do valor sejam substancialmente independentes.[16] A nosso juízo, e só não percebe quem não quer, elas são viceralmente interdependentes, a ponto de Coletti afirmar que elas "constituem, literalmente, a mesma coisa".[17]

Garegnani afirma em seus ensaios que a eliminação da teoria do valor-trabalho de Marx não implica a renúncia à noção de exploração do trabalho. Isto porque, fazendo-se uso da noção de excedente, pode-se perfeitamente pôr a descoberto esse fenômeno. Garegnani parece assim fazer vista grossa para o fato de que em Marx a teoria da exploração depende organicamente da teoria do valor. E ignorar a própria historicidade da categoria mais-valia como própria ao modo capitalista de produção. Esquece-se disto e parece acreditar que o conceito de "excedente" de Sraffa e o estabelecimento da relação linear inversa que ele apresenta entre lucros e salários sejam suficientes para caracterizar a exploração, quando, a nosso juízo, não demonstram nada além do que uma simples oposição de interesse entre o capital e o trabalho. Isto sem considerar o fato, muito conhecido, de que no sistema de Marx não existe, ao contrário de Ricardo, uma simples oposição salários/lucros, podendo, inclusive, os salários aumentar sem que necessariamente os lucros caiam.

Garegnani parece ignorar, inclusive, que o excedente de Sraffa é calculado em termos físicos, e o que é pior, que a distribuição salários/lucros seja determinada exogenamente à órbita da produção. Ora, o excedente nada mais é que o resultado de um complexo processo de produção, onde se relacionam em condições desiguais as classes que compõem a sociedade e onde a força de trabalho cria o valor necessário para satisfazer suas necessidades de produção e de reprodução como também das demais classes. Como disse Marx,

---

[15] *Ibidem*, p. 943.

[16] Garegnani, **P.**, *op. cit.*, parte II, e ainda "Fórmulas Mágicas ... ", *op. cit.*

[17] Colletti, L., "Valor e dialética em Marx", *in Debate ... , op. cit.*, p. 80.

"A repartição supõe a existência prévia dessa substância, a saber, o valor total do produto anual, e esse valor é apenas o trabalho social que se materializou".[18]

Garegnani, entretanto, não se interessa pelo que ocorre na órbita da produção, uma vez que ali, para ele, predominam apenas as determinações técnicas. Descarta, assim, as possibilidades de se investigar não somente as influências que a produção exerce sobre a distribuição, que no sistema de Marx possui um papel subordinado, como também as influências que exercem a forma de organização e do processo de trabalho sobre a criação da mais-valia. Transfere, enfim, a "luta de classes" para a esfera da circulação e transforma a produção em um mundo onde impera somente a técnica, imune à intensa luta que se desenrola entre o capital e o trabalho, e ao esforço desenvolvido pelo primeiro para "sugar" trabalho vivo em escala crescente, que pode se dar sob diversas formas.[19] Pois, como afirmou Marx:

"A produtividade do trabalho é determinada pelas mais diversas circunstâncias, entre elas a destreza média dos trabalhadores, o grau de desenvolvimento da ciência e sua aplicação tecnológica, a organização social do processo de produção, o volume e a eficácia dos meios de produção e as condições naturais".[20]

Como se percebe, há um completo desencontro entre as posições de Garegnani e de Marx, que enfaticamente afirma em sua obra ser a produção o elemento decisivo, enquanto a distribuição não passaria de seu produto. Elemento decisivo que tem por objetivo a produção de mais-valia, e não a produção de um produto líquido. Portanto, se não se partir da análise da produção, torna-se impossível compreender a própria essência da sociedade capitalista e apreender suas leis de movimento. Isto porque, somente tendo claro este objetivo da produção na sociedade capitalista – captado através do valor e do fetichismo, que mostra que a objetivação crescente das coisas faz com que elas fujam do controle dos produtores e ganhem vida própria, dominando-os – é possível apreender as leis de movimento do capital e desnudar sua grande contradição. Porque é nela que a força de trabalho, ao se transformar em mercadoria e em elemento integrante do próprio capital, e ao ser a única mercadoria a produzir valor e mais-valia, cria o capital. Mas, por outro lado, o capital, ao integrar o trabalho, tornando-o parte dele – o capital variável – faz com que, ilusoriamente, o trabalho seja seu resultado. Todavia, é somente o trabalho vivo, proveniente da força de trabalho, que cria o valor. E como

---

[18] Marx, **K.**, *op. cit.,* Livro III, cap. XLVIII, p. 944.

[19] "Desde o momento em que não considera o salário como parte do capital que se reproduz (enquanto capital variável) Sraffa deixa de considerar também – ou os considera como constantes – os meios de 'produção do excedente' (os métodos de produção da mais-valia absoluta e relativa)". (Altvater, E. *et al.*, *op. cit.*, p. 99)

[20] Marx, K., *op. cit.,* Livro I, cap. I, p. 47.

na sociedade capitalista o objetivo da produção é a criação sem limites da mais-valia e, portanto, de valorização em escala ampliada do capital, esse movimento vai se dar de forma contraditória, sob crescente tensão e possibilidades de crise. Porque o capital, ao procurar se autovalorizar, aumentando a quantidade de trabalho não-pago – o que consegue com o aumento da produtividade do trabalho – desloca-se e ao mesmo tempo desvaloriza as próprias bases que asseguram seu processo de valorização, passando, assim, a tornar-se o único limite de sua própria expansão.

É, pois, movendo-se neste processo contraditório que suas leis tendenciais se manifestam. Por um lado, ao perseguir o aumento da taxa de mais-valia (no mundo real o capitalista se norteia pela categoria taxa de lucro, que esconde a verdadeira origem do lucro), desencadeiam-se, paralelamente, forças que promovem a elevação da composição orgânica do capital (aumentando o capital constante e desvalorizando sua base de expansão, o capital variável) cujos efeitos sobre a taxa de lucro são opostos aos resultantes· da elevação da taxa de mais-valia. A tensão destes dois movimentos paralelos que *ocorrem na esfera da produção* determina uma tendência ao declínio da taxa de lucro. E menos importante que sua comprovação estatística é a orientação que essa tendência imprime ao comportamento do sistema. Por outro lado, é a concorrência intercapitalista, buscando cada um garantir, do seu ponto de vista isolado, a obtenção de lucros máximos (aumentando, portanto, a produção de mais-valia), que vai engendrar o processo de concentração e centralização do capital.

Neste sentido, segundo Belluzzo " ... é a lei da mais-valia, forma capitalista da lei do valor. . . que governa a reprodução das relações capitalistas e determina suas possibilidade e limitações. Por isso . . . é a lei fundamental do movimento do modo capitalista de produção, enquanto lei que define a especificidade desse movimento, em oposição aos modos de produção anteriores. Trata-se da lei interna de um regime de produção 'que não está ligado a limitações predeterminadas e pre-determinantes' senão unicamente às necessidades de autovalorização do capital".[21]

É por essa razão que a rejeição da lei do valor como proposta por Garegnani implicaria, necessariamente, a renúncia à lei que governa a reprodução das relações capitalistas e que dá base à formulação de suas leis de movimento. Abandoná-la corresponderia, a nosso juízo, a abdicar de compreender a natureza contraditória desse processo e, com isso, renunciar ao mais importante instrumento teórico de luta e de orientação do proletariado. Não se justifica, portanto, a posição de Garegnani de que a teoria do valor de Marx pode ser abandonada sem prejuízo para o resto da obra de Marx. Isto porque, na teoria de Marx, todos os conceitos básicos são construídos com base no valor " . . . e à primeira vista parecem ser mesmo emanações lógicas do valor".[22] Assim, "o dinheiro é um valor que serve como

---

[21] Belluzzo, L. **G. M.**, *op. **cit.***, p. 87.

[22] Rubin, I. 1., *op. cit.*, p. 105.

equivalente geral. O capital é um valor que cria mais-valia. Os salários são o valor da força de trabalho. Lucro, juro e renda são partes da mais-valia".[23]

E a própria composição orgânica, cujos movimentos dão origem às leis de movimento, está construída e só tem sentido em termos de valor. Sem ela, as leis de movimento se perdem, sucedidas por um mundo onde predomina a técnica, o mundo de Sraffa e de Garegnani. Destarte, a proposta de Garegnani, além de todos os equívocos que permeiam seus ensaios, implicaria, na verdade e ao contrário do que ele afirma, transformar o que seria uma situação de recuperação em uma verdadeira crise e em um retroceder da Economia Política. É por essa razão que estamos inteiramente de acordo com Lippi quando ele afirma em seu trabalho que a proposta de Garegnani

> " . . . parece dominada mais pelo afã de fazer com que os marxistas digiram Sraffa do que com o objetivo de proporcionar uma reconstrução da teoria do valor de Marx que sirva de base para o desenvolvimento de seus aspectos vitais."[24]

CONCLUSÕES

Nosso objetivo na elaboração deste trabalho consistiu em examinar algumas questões colocadas por Garegnani a respeito dos objetivos da teoria do valor marxista. Esperamos ter demonstrado que suas premissas estão embebidas de equívocos e enganos. A começar pela sua leitura, de certa forma tendenciosa, que reduz a teoria do valor de Marx à determinação não-circular da taxa de lucro e dos preços. Porque, embora não se possa negar que este constitua um de seus objetivos, uma vez que Marx, além de compreender sua natureza, pretende chegar ao nível dos fenômenos efetivos da produção que basilam o comportamento dos agentes econômicos, nele o valor é estudado independentemente desta questão e independente mesmo do problema da distribuição do produto social entre as diferentes classes, que teria constituído o cerne da investigação ricardiana. Não é por outra razão, como vimos, que Marx parte do estudo da mercadoria. Porque é através dela, enquanto produto do trabalho humano destinado para a troca, fenômeno que transforma o trabalho privado de cada produtor em trabalho social, tornando-o trabalho abstrato, criador de valor, que Marx se propõe a desvendar o mecanismo fundamental de funcionamento dá sociedade burguesa. É portanto, investigando o valor, que Marx põe a descoberto a intrincada rede de complexas relações sociais, identifica as classes fundamentais do sistema e mostra como apenas uma – a classe trabalhadora – produz para as demais. E é também no curso de sua investigação sobre o valor que apreende o fato de que nesta sociedade a crescente objetivação das "coisas"

---

[23] *Ibidem,* p. 106.

[24] Lippi, M., "El principio del valor trabajo ", *in Debate ... , op. cit.*, pp. 88-89.

faz com que elas, ao adquirirem vida própria, fujam do controle dos produtores e passem a dominá-los, determinando seu comportamento consoante sua finalidade. É por essa razão que o objetivo da produção se transforma na produção sem limite da mais-valia, objetivo do capital – e o capitalista é o capital personificado. E é deste fenômeno que minam as contradições do sistema e de onde Marx derivaria suas leis de movimento. É neste sentido que procuramos demonstrar como a teoria do valor em Marx se mantém em pé em seu sistema, apesar de ainda não ter conseguido dar respostas adequadas ao problema apontado por Garegnani.

Parece-nos, também, muito equivocada a identificação que Garegnani faz da problemática de Ricardo com Marx. Este, ao que se sabe, não dedicou maior importância à preocupação central de Ricardo, que consistia na determinação da "medida invariável de valor". Ricardo, como foi visto páginas atrás, ao colocar como o problema principal da Economia Política a determinação das leis que regulam a distribuição entre as classes da sociedade, está interessado, uma vez determinado o valor do trabalho, em saber o que acontece com os lucros. Entretanto ele percebe, no curso de sua investigação, que uma alteração na distribuição provoca modificações nos preços relativos e na magnitude do produto e que somente contando com a existência de uma "medida invariável" que fosse capaz de medir essas variações seria possível determinar, com precisão, os seus efeitos sobre os lucros. Em Ricardo, portanto, o valor praticamente se reduz a uma questão de medida, mais especificamente ao valor de troca. Em Marx, contrariamente, o valor de troca nada mais é que "a expressão fenomênica do valor", sendo o valor estudado independentemente do problema da repartição do produto entre as classes sociais. E mais, enquanto Ricardo opera com a hipótese da coincidência entre valores e preços, Marx detectou a ocorrência de desvios entre os mesmos resultantes da redistribuição da mais-valia entre as distintas indústrias, visto serem diferentes suas composições orgânicas de capital. Desvendou, assim, uma questão fundamental: a de que os capitalistas ganham de acordo com a quantidade de capital que aportam ao sistema, barômetro de sua capacidade de sugar trabalho vivo. Ao realizar a "transformação" Marx cometeu equívocos, e isto está demonstrado. Não se pode negar, entretanto, que ele desvelou o mecanismo de funcionamento do sistema.

Finalizando, algumas palavras a mais sobre a questão da exploração. Afirma Garegnani que a eliminação da teoria do valor marxista não implica a renúncia à noção de exploração, uma vez que ela poderia ser suprida pela noção de "excedente social". Como procuramos demonstrar, depois de todo avanço teórico retornar à a-histórica noção de *surplus* soa pelo menos surpreendente partindo de um teórico como Garegnani. Mais surpreendente ainda é a sua afirmação de ser possível "salvar" a teoria de Marx sobre o capitalismo com o abandono da sua teoria do valor, o que para nós corresponderia a "jogar fora a água do banho, mas com a criança dentro". De qualquer forma, fazendo nossa a imagem por ele usada, diríamos que em suas "fórmulas mágicas" para demolir a teoria do valor de Marx teria faltado ... um pouco de arsênico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLUZZO, L. G. M., (1980) *Valor e Capitalismo – um Ensaio sobre a Economia Política*, São Paulo, Brasiliense.

DOBB, M., *Teorias do Valor e da Distribuição desde Adam Smith*, Lisboa, Editorial Presença.

GAREGNANI, P. et al., (1979) Debate sobre la teoria marxista del valor, México, *Cuadernos P y P*, n.º 82.

MANTEGA, Guido, (1976) "A Lei da Taxa de Lucro: a tendência da queda ou a queda da tendência?", em *Estudos CEBRAP*, n.º 16, abr.-jun.

MARX, K., (1971) *O Capital*, trad. brasileira de Reginaldo Sant'anna, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

MARX, K., (1974) *Teorias sobre la Plus valia*, Buenos Aires, Editorial Cartago.

MEEK, R., (1971) *Economia e Ideologia*, Rio de Janeiro, Zahar.

NAPOLEONI, C., (1977) O *Valor na Ciência Econômica*, Lisboa, Editorial Presença.

NAPOLEONI, C., (1978) "Ensaios acerca da influência do baixo preço do cereal sobre os lucros do capital", in Napoleoni, C., *Smith, Ricardo, Marx*, Rio de Janeiro, Edições Graal.

RICARDO, D., "Princípios de Economia Política e Tributação", São Paulo, Abril Cultural, série Os Pensadores.

RUBIN, I. (1980) *A Teoria Marxista do Valor*, São Paulo, Brasiliense.

SRAFFA, P.,(1966) *Produción de Mercancías por media de Mercancías*, Barcelona, Ediciones Oikos-Tau.

SRAFFA, P., (1973) "Introducción", in Ricardo, D., *Princípios de Economia Política y Tributación*, México, Fondo Cultura Económica.